



Janeiro a Junho 2015

# CAPA e BATINA

Nº 45 • 3ª SÉRIE

Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa



A Ilha de Ormuz

## NESTE NÚMERO

### XXIII ANIVERSÁRIO DA ASSOCIAÇÃO

PAG. 04

### CONFERÊNCIAS

PAG. 04

### OS NOSSOS PASSEIOS E VIAGENS

- Fim-do-Ano no Algarve
- Passeio da Primavera
- Viagem ao Chile
- Viagem ao Irão

PAG. 08

### TERTÚLIAS ACADÉMICAS

PAG. 22

### CONVERSAS MENSAIS

PAG. 24



## PÁG.

03	EDITORIAL
04	EM DESTAQUE XXIII Aniversário da Associação
04	CONFERÊNCIAS "O Orpheu e a Presença" - No Centenário do Modernismo em Portugal
07	VISITAS LOCAIS
08	OS NOSSOS PASSEIOS CÁ DENTRO Fim-do-Ano no Algarve Passeio da Primavera LÁ FORA Viagem ao Chile Viagem ao Irão
20	A VOZ DA FILANTRÓPICA
21	IN ILLO TEMPORE
22	TERTÚLIAS ACADÉMICAS Automóveis Eléctricos - Sua história e atual viabilidade
23	ESPAÇO POESIA E IN MEMORIAM...
24	CONVERSAS MENSAIS
25	NOTÍCIAS BREVES

Os textos publicados podem ter sido ajustados ao espaço disponível.  
A versão integral pode ser consultada na Sede ou no sítio da Internet:  
[www.aaec-lisboa.com](http://www.aaec-lisboa.com)

# 725 ANOS DA UC

- SCIENTIAE THESAURO MIRABILI CUIPENTES REGNA NOSTRA DITARE



*Prof. Doutor Eng. João Gabriel Silva*

O Rei D. Dinis compreendeu que, sem o "tesouro admirável do conhecimento", que ele queria trazer para o seu Reino, Portugal teria muita dificuldade em se desenvolver e afirmar. Determinou por isso a criação do Estudo Geral em Portugal, a 1 de Março de 1290.

Esse entendimento é atualmente ainda mais válido do que no final do século XIII, pois o desenvolvimento das sociedades atuais baseia-se no conhecimento avançado. A missão renovada das universidades manifesta-se por isso cada vez mais através do impacto direto que a nossa atividade tem no desenvolvimento económico da sociedade. É por isso motivo de grande orgulho para nós que a empresa tecnológica portuguesa que conseguiu

recolher o maior volume de capital de risco não português (cerca de 15 milhões de dólares) nas últimas dezenas de anos, a Feedzai, seja uma "spin-off" da Universidade de Coimbra, sediada em Coimbra, no Instituto Pedro Nunes. Isto só é possível porque a Universidade de Coimbra está a responder plenamente ao desafio que representa a perda, há pouco mais de um século, do monopólio do ensino superior no espaço de língua portuguesa. Fâ-lo mantendo uma identidade muito própria. É a única universidade portuguesa que encarna o padrão clássico europeu: uma universidade de prestígio numa cidade pequena, afastada dos grandes centros populacionais, propícia ao estudo, à reflexão, à criação de laços indelévels entre os estudantes, formadores da personalidade e definidores de um percurso de vida. Coimbra é, sob esse ponto de vista, a única cidade universitária portuguesa.

Contudo, a evolução demográfica negativa em Portugal leva a que dentro de poucos anos vá deixar de haver candidatos portugueses suficientes para uma Universidade como Coimbra. Temos de seguir caminhos novos, mostrando aos candidatos ao ensino superior de todo o mundo que vale a pena vir estudar para Coimbra, independentemente do país de origem e de residência. Queremos ser uma grande

Universidade Global.

As comemorações dos 725 anos tinham de refletir este desafio, e por isso a escolha do mote: "Tempo de encontro(s)". Queremos encontrar-nos em particular com os países de língua portuguesa, que são as zonas do mundo onde a influência da Universidade de Coimbra mais se fez sentir ao longo dos séculos, aproveitando também a feliz coincidência de em 2015 se comemorarem os 40 anos de independência de vários países africanos de língua portuguesa. Queremos também celebrar a classificação da Universidade de Coimbra, pela UNESCO, como património mundial, e aproveitar o ensejo para melhor compreendermos o impacto da UC no mundo, que é ainda pouco conhecido, e merece ser melhor estudado.

Um dos traços dessa influência é o nosso papel na língua portuguesa. Com um papel tão central como o nosso no seu desenvolvimento, temos de ser globais a ensinar em português. Não admira que terminemos as comemorações, de 2 a 4 de Dezembro, com um grande Congresso sobre a língua portuguesa - uma língua de futuro. Todos estão convidados.

Construir o futuro é, há sete séculos e um quarto, o nosso maior desafio.

*Magnífico Reitor da  
Universidade de Coimbra*

# XXIII ANIVERSÁRIO DA ASSOCIAÇÃO

21 DE MARÇO DE 2015

No dia 21 de Março de 2015, no Café Império, na Av. Almirante Reis, junto da Alameda, decorreu às 13h00 o almoço de comemoração do XXIII Aniversário da Associação com a presença de muitos associados (119 presenças).

Logo a seguir ao almoço, surgiu a primeira surpresa anunciada: a actuação da "Vicentuna" – Tuna Académica da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa – que nos foi "oferecida" pela Reitoria da Universidade pela mão do Dr. António Sobral, representante do Reitor (Prof. Doutor Cruz Serra).

Alegres e bem dispostos, os quase 30 estudantes confraternizaram connosco também num lanche bem recheado e ao som de cantares até às 19h00.

O Sarau contou ainda com a actuação do Coro "Ad-Hoc" da Associação, dos "Madre Christo" e com uma Serenata por elementos do "Porta Férrea", "Serenata de Coimbra" e "Serenata ao Luar".

Após aquela actuação, a Presidente da Direcção, Maria de Fátima Lencastre, desvendando a segunda das surpresas anunciadas, chamou ao palco Matilde de Sousa Franco e Alberto José Nunes Pereira para anunciar que a Associação tinha deliberado em Assembleia Geral, e por unanimidade, entregar a cada um deles o Diploma de Sócio Honorário, pela colaboração que ambos têm vindo a prestar à Associação ao longo destes últimos anos com o espírito de solidariedade que a caracteriza.

De seguida, os homenageados, apanhados de surpresa, agradeceram a entrega daquele Diploma, dizendo que se sentiam muito honrados por receberem aquela distinção e que tudo o que fizeram pela Associação lhes deu imenso prazer, prometendo, no futuro, continuarem a colaborar, da mesma forma, desde que para tal haja disponibilidade e saúde.

O Presidente da Associação dos Antigos Alunos da Universidade de Lisboa, Dr. Guilherme d'Oliveira Martins, não podendo estar presente, pediu à Presidente da Direcção que lesse a seguinte mensagem:

*"É de inteira justiça o reconhecimento atribuído à Dr.ª Matilde Sousa Franco, considerando o papel fundamental que tem tido na defesa e salvaguarda do património cultural em especial*



Os representantes da Reitoria da Universidade de Lisboa, da Assembleia-Geral e da Direcção da aniversariante



Os Homenageados (ao centro)

*no caso de Coimbra – sem cujo contributo não teria sido possível a classificação pela UNESCO da nossa "Alma Mater" da Universidade portuguesa.*

*Deveu-se à iniciativa pioneira da Dr.ª Matilde Sousa Franco a decisão internacional.*

*Importa não o esquecer."*

Finalmente, às 17h00 cantaram-se os parabéns à "menina" Associação pelas suas XXIII primaveras, abrindo-se o bolo de aniversário acompanhado do tradicional espumante, em clima de muita alegria e animação entre todos, jovens e menos jovens.

Maria Alice Pereira



# “O ORPHEU E A PRESENÇA”

NO CENTENÁRIO DO MODERNISMO EM PORTUGAL

3 DE JUNHO DE 2015

Prof. Doutor Eugénio Lisboa

O Orpheu preocupa-nos. A poesia do Orpheu é também a primeira poesia que surge à escala deste mundo complexo, vário, ruidoso, assassino, mecânico, acelerado, quotidianamente diverso e difícil, que é o nosso. O Orpheu, em suma, repetimos, ainda nos inquieta. Somos dele e ele é nosso, Começámos lá.

Eugénio Lisboa\*

[...] graças ao Orfeu (sic), se formou em Portugal um movimento literário e artístico, ao qual [...] a Presença veio oferecer um objectivo.

Manuel Anselmo\*\*

1. O movimento literário e artístico que introduziu em Portugal o Modernismo começou há 100 anos com a publicação da “revista de literatura” *Orpheu*, em dois volumes, cujo Centenário nós, AAECCL, celebrámos com um jantar-conferência no *Hotel Plaza*, em 3 de Junho último, decorrido, justo nesse mês, um século sobre a publicação do 2º volume, dirigido por Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro; o 1º tinha saído em Março, dia 25, sob a Direcção de Luís de Montalvor e Ronald de Carvalho (todos estes quatro poetas então na casa dos vinte anos, os dois primeiros os mais importantes do grupo). Foi o movimento mais revolucionário – mais *radical*, como se diria hoje – de que reza a História das Artes e Letras e da sua Teoria em Portugal.

Não obstante, na altura da publicação daquela excêntrica revista, o público tomou-o, a esse movimento, por uma simples arruaça literária *pour épater le burgeois*, tal o *descalabro* de ideias

e gosto que o (des)norteava; de resto, quanto ao seu alcance, ficou um caso restritamente lisboeta: mal passou do Chiado e imediações.

Da sua real importância e universalidade talvez apenas se tenham apercebido os próprios modernistas, senão só alguns deles, dentre os quais, decerto, os directores do 2º volume acima nomeados. Só esses, porventura, terão tido consciência, ou mesmo só suspeitado, de que estavam a fazer História. Fernando Pessoa sem dúvida teria a certeza, tanto assim que até já havia anunciado, três anos antes, o “aparecimento na nossa terra de [um] *Supra-Camões*” – referindo-se cripticamente a si mesmo – a quem Portugal ia ficar devendo nada menos do que “um ressurgimento assombroso, um período de criação literária e social como poucos o mundo [*tinha*] tido” (1). O *Orpheu* poderia muito bem ser, na sua ideia, o primeiro passo para esse “ressurgimento assombroso”.

Mas quem o poderia supor na altura

além dele mesmo, Fernando Pessoa? Na altura, raro seria quem soubesse do que se estava a passar *lá fora* além da Guerra, quer dizer, *lá fora*, nos meios literários e artísticos mais avançados da Europa, em Paris, por exemplo, onde, meia dúzia de anos antes, tinha saído à luz o Manifesto do Futurismo, de Marinetti, étimo do nosso Modernismo de 1915.

O escritor Eugénio Lisboa, memorialista e poeta além de ensaísta e, neste género, um dos mais destacados historiadores e críticos do Modernismo em Portugal, referiu-se algures ao “espectáculo” produzido em Lisboa por aquela extravagante revista usando o neologismo *artemoto*, com que o equiparou a “o *terramoto* que em 1755 arrasou Lisboa”; todavia, acrescentava: “Com a diferença de que, ao contrário do cataclismo do século XVIII, o sismo artístico do século XX *não foi levado muito a sério* por aqueles que o observaram” (2) (sublinhado nosso).

\* Vid. *Poesia Portuguesa: do “Orpheu” ao Neo-Realismo*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Col. Biblioteca Breve, 1980.

\*\* Vid. “Pequeno ensaio sobre o movimento modernista português”, in *Antologia Moderna*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1937.

(1) *Fernando Pessoa, A Nova Poesia Portuguesa*, Lisboa, Inquérito, 2ª.ed. [s/d], (Publicado pela 1ª vez na revista *A Águia*, Porto, 1912).

De facto, o humor iconoclasta de que o movimento modernista apareceu animado no seu início em Lisboa decerto que resultou tão *épatant* como se propunha: com efeito, alvoroçou meia Lisboa, ridicularizou as ideias feitas do tempo, apeou impiedosamente dos seus pedestais algumas obsolências literárias; contudo, passada a sucussão da surpresa, tudo acabou na lixeira da crónica mundano-literária da frívola Lisboa da época – e as obsolências literárias voltaram tranquilamente aos seus plintos. A forte mas passageira agitação de Lisboa causada pela publicação do *Orpheu* foi, naquele breve tempo, como um fogo de palha, no dizer do crítico e historiador de arte José-Augusto França: ardeu muito, mas apagou-se depressa (3). O próprio líder do grupo modernista, Fernando Pessoa, o reconheceria logo em 1923, passados oito anos, ao escrever a Côrtes-Rodrigues, um dos poetas do *Orpheu* então refugiado na sua ilha real (S. Miguel, dos Açores): "Tanta saudade – cada vez mais tanta! – daqueles tempos antigos do *Orpheu* [...] e de tudo o mais que passou!". E perguntava: "V. tem visto a *Contemporânea*?", respondendo-se de seguida: "É, de certo modo, a sucessora do *Orpheu*. Mas que diferença! que diferença!" (4). Dir-se-ia, com efeito, que o Modernismo, àquela data (1923), já teria simplesmente passado ...

Na verdade, Lisboa não soube ler na altura própria aquela desconcertante revista nem as outras a que ela havia de passar o testemunho (o *Portugal Futurista* em 1917, principalmente). Foi Coimbra que, passada uma década, começou a ensinar Portugal a ler aquele movimento.

2. Esta conclusão é um tanto retórica, mas não exagera assim tanto o papel de Coimbra na história do Modernismo em Portugal. Estamos a pensar no que

a compreensão e aceitação desse movimento deveram a um grupo de *estudantes de Coimbra*, mais novos do que os modernistas de Lisboa em média uma dúzia de anos, que publicaram em 1927 uma revista intitulada *presença* (5), outro marco geodésico no mapa da História do Modernismo em Portugal. As suas poesias, contos artigos de teoria e crítica literárias e de outras áreas da Arte circulavam em revistas coimbrãs desde a primeira metade dos anos 20 (*vide*, entre as principais, *Byzâncio* e *Triptico*), na mesma altura em que os modernistas de Lisboa ainda prosseguiram na mesma senda iniciada em 1915, mas então já sem o efeito-surpresa "daqueles tempos antigos do *Orpheu*" (*vide* a supracitada *Contemporânea* e, a seguir, a *Athena*). Nessa literatura dos estudantes de Coimbra a que nos estamos a referir não havia sinais do "frenesi e palhaçada" (6) que tinham suscitado em Lisboa a indignação contra o Modernismo. Mas havia *outra coisa*, outro *moderno*: a "literatura viva", como lhe chamaria um deles, José Régio, na abertura do primeiro número da revista. Esses tantos jovens souberam entender aquele "frenesi e palhaçada" dos modernistas de 1915 como sendo expressão *à contresens* do "abalo profundo e sincero" (7) que os movia e, ao invés de se afirmarem opondo-se-lhes em conflito aberto, como é costume entre gerações contíguas, reconheceram neles uma "geração de mestres" (sic), e dedicaram-lhes o devido estudo e crítica – destacadamente o acabado de mencionar José Régio, além de Gaspar Simões e Casais Monteiro, por exemplo, ao mesmo tempo que abriram a porta da revista à sua colaboração. E foi a partir de então que o Modernismo encontrou a via da notoriedade de que desfruta desde então. Mas o que era essa "outra coisa" trazida à literatura pelos modernistas da nova geração coimbrã que, sem serem *dis-*

*cípulos* dos modernistas de Lisboa, os consideravam, todavia, uma "geração de mestres"?

A resposta eles mesmo deram na supracitada revista *presença*, que editaram desde 1927 a 1940, ou seja, desde uma dúzia de anos depois de *Orpheu* até ao aparecimento do primeiro dos *Cadernos de Poesia* de Tomaz Kim, José Blanc de Portugal e Ruy Cinatti, que surgiu na cena literária para dizer que "a Poesia é só uma", quando já o nascente realismo socialista tinha começado a pleitear contra o esteticismo presencista.

Com essa nova geração coimbrã era um novo movimento que começava? A História viria a reconhecê-lo, mas, não encontrando outro nome para o identificar do que ainda o de "Modernismo", assim o tem chamado (com alguma relutância, valha a verdade (8)), distinguindo-o apenas por um numeral – o 2º *Modernismo* – em alternância com *Presencismo*, derivado do título da revista que foi o órgão do grupo.

3. Sendo a nossa Associação designada (e propriamente dita) de *Antigos Estudantes de Coimbra*, nada demais que, ao planearmos para um jantar-conferência a celebração do Centenário do Modernismo em Portugal, nos movesse o desejo de que não fosse esquecido na ocasião o papel de *estudantes de Coimbra* nesse movimento. O papel dos estudantes de Coimbra no movimento modernista, entenda-se: não no próprio movimento de 1915, com o qual Coimbra nada teve a ver, mas na sua explicação aos coevos neófobos e no reconhecimento da sua importância pela posteridade; enfim, na História. E este desiderato não podia deixar de influenciar a escolha de quem havia de ser o orador nesse jantar comemorativo. Pois bem. O nome do Prof. Eugénio

(2) Eugénio Lisboa, vid. n. \*.

(3) José-Augusto França, *O Modernismo na Arte Portuguesa*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Col. Biblioteca Breve.

(4) *Cartas de Fernando Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues*, Lisboa, Confluência,[s/d].

(5) Assim escrito com inicial minúscula.

(6) e (7) Vid. n.\*.

(8) Chegou a chamar-se-lhe "contra-revolução do modernismo" (ass. Eduardo Lourenço).

Lisboa perfilou-se-nos desde logo, não só pelo prestígio que o distingue nos meios literário e académico – como escritor, por um lado, e como historiador e crítico de Literatura, por outro –, mas também pela sua especialização na história e crítica do Modernismo, e muito particularmente – e, neste nosso propósito, *sobretudo* –, na história e crítica do 2º Modernismo, em que o papel de estudantes de Coimbra teve grande relevância.

Foi, assim, com grande regozijo que aceitámos o título livremente escolhido pelo nosso convidado para a conferência do jantar comemorativo do Centenário do Modernismo em Portugal: O *Orpheu* e a *Presença*. A sua conferência sobre o Modernismo não seria, portanto, apenas sobre o movimento na sua primeira fase, esse de 1915, o do *Orpheu*, que, em seu tempo, se confinou por assim dizer em Lisboa, mas também o de 1927, o da *presença*, de Coimbra, que lhe deu projecção nacional, os dois constituindo, afinal, "o" Modernismo, embora preservando, naturalmente, a alteridade que distingue cada qual relativamente à sua estética e ideias. A conferência viria a abranger, de facto, o Modernismo em ambas as fases, ou seja, o Modernismo da geração modernista de 1915, de Lisboa (do *Orpheu*, etc.) e depois o do seu estudo, interpretação e expansão na cultura portuguesa pela geração coimbrã de 1927, ou seja, a geração dos já citados Régio, Gaspar



Capa do nº1 da Revista *Orpheu*, 1915, da autoria de José Pacheco

Simões e Casais Monteiro, além de Torga, Branquinho da Fonseca, António de Navarro, o nosso muito caro cantor do fado de Coimbra e poeta Edmundo e Bettencourt, etc.

Seguimos a exposição do ilustre conferencista com óbvio proveito e ao mesmo tempo com prazer. Com proveito e prazer porque na sua dissertação, improvisada sobre abundantes notas criteriosamente seleccionadas e ordenadas num discurso fluente, coloquial, o erudito historiador e judicioso crítico seguia a par e passo com o reputado escritor, memorialista e poeta, ou antes, os dois seguiam à vez, cedendo-se a palavra conforme no discurso se tratava de factos documentalmente provados, análises



O nº 1 da Revista *Presença*, 1927

rigorosas de dados e sua interpretação segundo critérios de verdade, conceitos, teoria, conclusões, em que a voz era a do historiador e crítico de Literatura, com quem, ouvindo-o, sempre se aprende muita coisa, ou se tratava de episódios da *petite histoire*, achegas pessoais, autobiográficas, como, entre outras, as da sua relação de amizade com José Régio (9), em que ressoava o timbre da voz do autor das portentosas memórias em curso de publicação *Acta est Fabula*, que são tanto um auto-retrato em corpo inteiro quanto o retrato nítido, objectivo, de uma época, onde dá sempre gosto encontrar a voz do escritor.

Eduíno de Jesus

(9) A amizade de Eugénio Lisboa com o autor dos *Poemas de Deus e do Diabo*, a quem conheceu quando tinha estado em Portalegre como oficial miliciano e Régio era professor do liceu naquela *cidade do Alto Alentejo*, cercada [...], levou-o a tornar-se o mais aplicado e devoto estudioso e intérprete da sua obra, assim como um dos mais lúcidos estudiosos e críticos do 2º Modernismo em geral, de que Régio era o mais representativo autor.

## VISITAS LOCAIS

No 1º semestre de 2015 realizaram-se 5 visitas:

- Dia 15 de Janeiro – na Fundação Calouste Gulbenkian, à exposição “A História Partilhada. Tesouros dos Palácios Reais de Espanha”;
- Dia 10 de Fevereiro – no Museu Nacional de Arte Antiga à exposição “FMR – A Coleção Franco Maria Ricci”;
- Dia 11 de Março – visita guiada ao Convento de São Pedro de Alcântara;

- Dia 17 de Abril – visita guiada ao *Recolhimento de Santos-O-Novo*;
- Dia 23 de Junho – no Museu Nacional de Arte Antiga, à exposição “Josefa de Óbidos e a Invenção do Barroco Português”.

Inscrevam-se porque há *numerus clausus*; e não falem porque fica, quase sempre, alguém em “lista de espera”!

Apareçam sempre!

# CÁ DENTRO FIM-DO-ANO NO ALGARVE EM ARMAÇÃO DE PÊRA

DE 30 DE DEZEMBRO DE 2014 A 1 DE JANEIRO DE 2015

*Maria Alice Pereira*

A nossa Associação organizou o Fim de Ano no Algarve, no Hotel *Holiday Inn*, em Armação de Pêra, local escolhido para o Jantar e Festa *Réveillon*. "Flower Power" foi o tema proposto pelo Hotel para a celebração da passagem do ano no âmbito dos trajes de fantasia.

O Jantar-*bufett* foi muito bom, e a qualidade dos pratos quentes foi excelente, com boas saladas, vinho à descrição e de boa qualidade, isto para não falar das entradas com muitas variedades de salgadinhos quentinhos, acabadinhos de fazer, em resumo, tudo uma delícia, e claro as sobremesas que também primaram pela variedade e pela qualidade. Entretanto, e após o repasto atrás referido, começou o baile com música ao vivo tendo as pessoas que gostam dum pezinho de dança se dirigido para a pista de dança, quer hóspedes do Hotel, quer as pessoas da Associação que habitualmente gostam deste tipo de animação.

Quem aderiu aos trajes da fantasia foi dançando de forma descontraída e alegre, sem saberem que estavam a ser observadas por uma funcionária do Hotel para a classificação das pessoas mais bem vestidas e de acordo com o tema proposto.

Todos estávamos muito alegres e divertidos até porque a música era bastante conhecida e bem ritmada, o que fez com que as pessoas se divertissem ainda mais numa despedida de um ano que estava a acabar e um novo que estava a chegar.

No intervalo do baile, a gerente do Hotel aproveitou para anunciar quais as pessoas que tinham sido classificadas como as mais bem fantasiadas da noite, dizendo que o 1º prémio era para a Presidente da Direcção da Associação, Maria de Fátima Lencastre, e o 2º prémio para a Maria Alice Pereira.

Registamos aqui com muito agrado, e sem vaidade, o facto de a nossa Associação ter sido contemplada.



1º Prémio



2º Prémio

# PASSEIO DA PRIMAVERA

## NAZARÉ, FÁTIMA, OURÉM, ABRANTES E CONSTÂNCIA

DE 1 A 3 DE MAIO DE 2015

*Maria Isabel Soares da Costa*



O grupo

Desta vez, foram apenas 26 as pessoas que se reuniram pelas 10 horas nas traseiras da Reitoria da Universidade de Lisboa, para iniciarem o Passeio da Primavera. Infelizmente, o tempo não estava tão bem como seria de desejar. E foi debaixo de uma chuva torrencial que chegámos ao Restaurante *Mar Bravo*, na Nazaré, para almoçar.

Não foi possível admirar o mar, devido à chuva. Mesmo assim, ainda aproveitámos uma pausa do mau tempo para subirmos ao Sítio e chegarmos ao *Miradouro do Superco*, ao lado da

Capela da Memória, onde recordámos D. Fuas Roupinho. Visitámos também o Santuário da Senhora da Nazaré e Museu Dr. Joaquim Manso. Não fomos à Praia do Norte, que se tornou mundialmente conhecida por o MacNamara ter conseguido "sufar" uma onda de 30 metros por causa do mau tempo.

A poucos quilómetros de Fátima, visitámos o Eco-Parque sensorial da Pia do Urso, que é uma das atracções turísticas desta região. Trata-se duma típica aldeia serrana, cujas habitações em pedra e madeira se integram perfeitamente na

paisagem da serra de S. Mamede. Aqui fica instalado este parque destinado a invisuais que pretende levar a estas pessoas a possibilidade de apreciarem o meio envolvente que os rodeia, utilizando os outros sentidos, especialmente o tacto. Neste local existem numerosas lendas entre as quais a que procura explicar a origem do nome do local, segundo a qual, em tempos recuados, um urso que vivia naquelas serras tinha por hábito ir beber a uma pia originada numa formação rochosa, que se encontra assinalada.

Continuámos para Fátima, onde jantámos e ficámos alojados no *Hotel D. Gonçalo*.

No dia seguinte, após o pequeno-almoço fomos ao Santuário de Fátima, onde visitámos a exposição sobre a 4ª aparição de Fátima (que aconteceu em Agosto de 1917), orientada e realizada pelo Dr. Marco Daniel Duarte Director dos Serviços de Documentação do Santuário de Fátima, que nos deu uma visão completamente imparcial acerca do que se passou por ocasião da 4ª aparição, quando os 3 pastorinhos foram levados para sua casa, pelo Administrador do Concelho de Vila Nova de Ourém – Artur de Oliveira Santos, tendo brincado com os seus 6 filhos no meio da maior boa disposição (aí comeram melancia pela 1ª vez nas suas curtas vidas, saltaram em camas com colchão de molas, assistiram a uma procissão em louvor de N.ª Senhora da Piedade e a Jacinta adormeceu num cadeirão que está habitualmente no Museu Municipal de Ourém – Casa do Administrador –, mas que foi emprestado ao Santuário para esta exposição). Aqui devo referir que, ao contrário do que a História afirma, os Pastorinhos nunca estiveram presos. Ainda houve tempo para visitar o Museu de Cera, em Fátima.

Deliciámo-nos com um esplêndido almoço no Restaurante “*O Rito*”, no Alqueidão (próximo de Ourém) e de seguida, visitámos o Museu Municipal de Ourém/Casa do Administrador, onde pudemos observar a fotografia de Artur de Oliveira Santos com a mulher e 6 dos seus 8 filhos (2 nasceram posteriormente, já em Lisboa) e também alguns objectos que dizem respeito à forma como se vivia na época. Continuámos para Aljustrel, para visitar as casas onde viveram os pastorinhos. Já não visitava este local há alguns anos e fiquei horrorizada com o que fizeram daquele local (que tinha sido duma grande simplicidade e onde tive oportunidade de conversar com João, o irmão da Irmã Lúcia). Agora é uma zona inteiramente dedicada ao consumismo, onde se vende de tudo e que é percorrido por centenas de



Pia do Urso



Família de Artur de Oliveira Santos com a Neta

personas, sem respeito por nada nem por ninguém.

Urgia sair dali e regressámos a Fátima, para mais um jantar e uma noite tranquila no *Hotel Dom Gonçalo*, depois de termos assistido à procissão das velas. No terceiro e último dia do nosso passeio, após o pequeno-almoço saímos para Abrantes, onde almoçámos no *Refeitório Quintanista*, um restaurante muito agradável. Após o almoço, partimos para Constância, onde se diz que viveu Luís de Camões e nele visitámos o Jardim Horta de Camões. Não foi possível

visitar a Casa-Museu de Vasco de Lima Couto, por os seus actuais proprietários estarem ausentes. Esta visita a Constância já muito difícil, devido à chuva que caía sem cessar! E foi assim que terminou o nosso passeio. O regresso a Lisboa, onde chegámos por volta das 20 horas decorreu sem novidade, mas sempre com boa disposição. E não se esqueçam: lá para Outubro, teremos outro passeio: desta vez, o de Outono.

LÁ FORA

# VIAGEM AO CHILE, ILHA DA PÁSCOA E ARGENTINA

De 24 de Janeiro a 13 de Fevereiro de 2015

*Alfredo Perdigão*

A 24 de Janeiro de 2015, pelas 16 h 30 viajamos de Lisboa com escala em Madrid, no avião da Ibéria, rumo a Santiago do Chile.

Chegados a 25 pela manhã, instalados e almoçados no simpático hotel Diego de Velasquez, partimos para a visita panorâmica a Santiago.

A cidade é muito agradável com avenidas amplas e arborizadas, belos edifícios, tanto antigos (séc. 19) como mais recentes. Não fica nada a dever a uma cidade europeia, cuidada e limpa.

A primeira impressão do Chile é muito positiva. País civilizado com pessoas educadas e simpáticas, trânsito ordenado, dando a sensação de muito seguro. Dia 26 saímos cedo para o aeroporto com destino a um dos pontos altos da viagem, a mítica Ilha da Páscoa.

Após um voo de 4 horas aterrámos em pleno Oceano Pacífico. Recebidos no aeroporto com os tradicionais colares de flores fomos conduzidos ao hotel Val Moana. Pelo caminho deparámos com uma pequena cidade com todas as características de um local com imenso turismo, restaurantes, lojas de recordações, hotéis, mas com algum bom gosto, sem chocar.

O hotel, com muita vegetação local, tem um edifício central com a administração, restaurante, bar e loja, tudo com a tradicional decoração Rapa Nui. Espalhados pelo parque estão pequenos edifícios, cada um com duas suítes.

Na parte da tarde e dia seguinte visitamos os locais de interesse, como os sempre impressionantes Moai de uma



Grupo De Moais

dimensão avassaladora. São mais de trezentas estátuas, umas de pé, colocadas no destino final, outras em várias fases de construção, outras ainda que ficaram pelo caminho.

O nosso guia de alcunha "Caco", descreveu-nos como foram esculpidas e transportadas. Uma explicação lógica sem nada a ver com as teorias exotéricas e de extraterrestres que abundam na Europa e USA.

O passeio terminou neste dia na belíssima praia de Anakena, onde os corajosos do costume tomaram banho no oceano Pacífico.

Uma palavra sobre o nosso guia Caco. Tem bom aspeto, tipo hierático, e de

cabelo comprido. Aparenta uma grande tranquilidade, tendo ficado na memória do grupo a frase com que iniciava qualquer explicação: "Eu vou falar", aguardando calmamente que cessasse a nossa tradicional vozearia, até se fazer silêncio. Foi também uma boa surpresa, quando, no espetáculo de danças tradicionais a que assistimos, depois do jantar no restaurante Kata Kati, reparámos que um dos dançarinos era o nosso Caco. Tem tudo a ver com a personagem, pois sempre mostrou grande orgulho das suas raízes Rapa Nui.

As 28/1 regressamos a Santiago, pernoitando no mesmo hotel e jantando no restaurante "Casa Vieja" para sair a 29

de manhã para o maior porto do Chile, a cidade de Valparaíso.

A cidade é espetacular com as casas de cores garridas subindo pelas enormes encostas. Visitamos uma dessas casas a "Sebastiana" onde viveu o grande poeta e premio Nobel Pablo Neruda, agora museu e com uma vista extraordinária até ao mar. Passámos pelos muitos monumentos, desde a catedral até à estátua de Lord Cochrane, inglês que ajudou na divisão do Sul da América entre a Argentina e o Chile.

O almoço foi muito bom, num restaurante à beira mar "O Portofino", onde lançámos um Eferreá pelos nossos colegas Francisco Mota Ferreira e Virginia, grandes entusiastas deste passeio e que por motivos de saúde não puderam acompanhar-nos.

Após o almoço regressámos a Santiago para mais uma volta na cidade com o mesmo guia, pessoa muito culta e simpática que nos levou à catedral e ao museu Chileno, com uma exposição muito interessante sobre a história do país.

Dia 30 pela manhã voámos para Punta Arenas. Cidade com muitos pontos de interesse, como o monumento de homenagem a Fernão de Magalhães, onde tirámos uma fotografia de grupo, o Museu Salesiano e a casa de Sara Braun, de origem russa, e viúva do nosso con-



Cabo Horn



Glaciar Perito Moreno

terrâneo José Nogueira. Este emigrante português é considerado o pai da navegação comercial nesta zona. Sara, para além de continuar e ampliar os negócios do marido foi uma grande filantropa e amante de arte, sendo agora a casa um museu onde estão os objetos que colecionou.

Ao fim da tarde embarcámos no "Mare Australlis" para o minicruzeiro ao cabo Horn, Estreito de Magalhães e Patagónia e que será também um dos pontos altos da viagem.

O navio é muito agradável com ótimas instalações, pessoal simpático, boa comida e boa bebida, bons vinhos chilenos incluídos.

Não me é possível neste pequeno texto, sobre uma viagem tão longa, descrever os passeios em pequenos botes de borracha, alguns com descida a terra e as paisagens maravilhosas.

Direi apenas que vimos pinguins e cormorões, fiordes e glaciares, canais e montanhas.

Foi emocionante navegar no Estreito de Magalhães, e na Alameda dos Glaciares, e ter a experiência única de desembarcar no Cabo Horn, descoberto em 1616, passagem entre o Atlântico e o Pacífico e conhecido como "O Fim do Mundo", além de serem célebres as tremendas tempestades.

A Área do parque nacional do Cabo Horn foi declarada reserva mundial da biosfera pela Unesco em 2005.

Caminhamos até ao monumento aos CaboOrniers (aqueles que velejaram entre os dois oceanos) e visitámos o farol, a capela e as instalações onde os faroleiros e famílias estão isolados durante meses. De regresso a bordo, continuámos a viagem e chegámos na manhã do dia 4 a Ushuaia, a cidade mais austral do mundo.

Tomado o pequeno-almoço ainda a bordo desembarcámos pelas oito horas da manhã.

Recebidos pelos guias locais atravessamos a cidade no autocarro em direção ao parque natural da Terra do Fogo, mais um lugar magnífico com paisagens deslumbrantes e onde beneficiámos de boas condições atmosféricas. Passada a enseada Zaratiegui donde se avista a ilha redonda e o canal de Beagle, fomos ao posto de correio carimbar os passaportes com os selos do "centro geográfico da Argentina. Eles medem a distância entre o extremo norte do país e o território que lhes pertence na Antártida, até ao polo sul, o que faz com que a Terra do Fogo fique no meio.

Passado o lago Acigami e a baía Lapataia chegámos à estação inicial do "Trem do Fim do Mundo".

A Zona de Ushuaia foi uma colônia penal no séc. XIX e construíram este caminho-de-ferro entre a cidade e as minas onde trabalhavam os condenados. Hoje é um interessante comboio turístico.

Regressados a Ushuaia jantámos no hotel Las lengas onde ficamos alojados. A 5 de fevereiro, depois da visita à povoação conhecida como "a Cidade do Fim do Mundo", arquitetonicamente simples mas muito agradável, beneficiando do sol que brilhava e com muito turismo, depois do almoço num restaurante local onde degustamos o marisco típico da zona embarcamos no avião das Aerolíneas Argentinas com destino a Calafate.

Ficamos no Hotel Kosten Aike e no dia seguinte fomos, primeiro de barco, depois a pé, ladeando o caminho costeiro do Parque Natural dos Glaciares para outro dos pontos altos da viagem. O maravilhoso glaciar "Perito Moreno", que nos emociona de tão belo, tem o nome do topógrafo Pascácio Moreno que, nas negociações do traçado de fronteiras com o Chile, conseguiu que esta Zona ficasse do lado argentino.

Dia 7, depois de um passeio pela cidade, junto à laguna Nimez, reserva natural municipal, onde observamos uma grande variedade de aves, lá fomos para Bariloche no voo das A. A..

Não podemos deixar de mencionar que, apesar de terem fortes restrições no peso da bagagem e com a exceção de duas colegas que tinham um diferencial muito grande em relação ao permitido, não cobraram o excesso que todos tínhamos.

Depois de instalados no hotel Panamericano em quartos com vista magnífica, saímos de autocarro para um percurso nesta bela instância turística, à beira do lago Nahel Huapi, muito conhecida através das novelas brasileiras onde os personagens da "alta" vão recuperar depois de desgostos amorosos.

Ao 16º dia mais uma jornada inesquecível, apenas perturbada pelas condições meteorológicas, pois as nuvens baixas e os chuviscos dificultaram a visão das montanhas e vulcões refletidos nos lagos.

Entre os dois países, Argentina e Chile, ao atravessar as cadeias de montanhas dos Andes há uma sucessão de lagos por onde efetuámos o percurso entre Bariloche e Porto Varas.

Assim em Puerto Pañuelo começámos a travessia do lago Nahuel Huapi, já referido até Puerto Blest. Viagem de autocarro até Puerto Alegre, onde atravessámos a fronteira.

Houve algumas peripécias na alfândega, pois um turista de um grupo israelita que nos precedia resolveu armar um escândalo dizendo que o guarda lhe tinha ficado com o passaporte que afinal estava no seu próprio bolso. Em retaliação os guardas decidiram revistar todas as bagagens de quem lá passava. Felizmente a meio do nosso grupo, cansaram-se e os restantes já não tiveram a maçada de abrir as malas.

Já no Chile, novamente de barco pelo lago de Frias, até Puerto Frias. De novo de autocarro até Peulla onde almoçámos, partindo para Petrohué outra vez de cruzeiro no lago de Todos os Santos. Em Puerto Varas ficamos no Hotel



Trem do Fim-do-Mundo

Cabañas del Lago partindo no dia seguinte para Puerto Mont onde é o aeroporto e, de seguida para Buenos Aires, fazendo escala em Santiago

O hotel de Las Américas foi o nosso ponto em Buenos Aires e começámos logo o programa com o jantar em Puerto Madero, um dos bairros típicos da cidade. Os três dias seguintes foram dedicados à capital da Argentina, visitando tudo aquilo a que tínhamos direito.



O grupo junto ao monumento a Fernão de Magalhães

Locais míticos (é só lembrar os nomes de tangos famosos) Camiñito no bairro de La Boca, Corrientes 348, Recoleta. Edifícios emblemáticos como a Casa Rosada, morada do presidente, o Cabildo, a catedral com o túmulo do general San Martín que lutou contra os espanhóis pela independência de vários países, Santelmo e outros. À noite, depois do jantar, espetáculo castiço no "Señor Tango"

No dia seguinte na zona norte da cidade, fizemos o passeio de barco no rio Tigre e delta do Paraná, passando pelas belas casas nas margens, muitas com ancoradouro privativo e despectiva embarcação. À tarde visita guiada ao belíssimo "Teatro Colón" referência mundial para os amantes de ópera, não só da América do sul.

À noite o indispensável jantar típico com o famoso show no restaurante e casa de espetáculos " Esquina Carlos Gardel".

O último dia foi dedicado a atividades livres como, caminhar nos muitos parques da cidade, onde os passeadores de cães, por vezes com mais de dez à trela, levam a cachorrada dos apartamentos onde vivem, para locais próprios onde podem "cãofraternizar" e correr à vontade. Também almoçar no celeberrimo Café Tortoni, visitar as livrarias como "El Ateneo" e fazer algumas compras das belas coisas, de um notável bom gosto, que abundam nas lojas de B.A..

À noite pelas 22 horas regresso a Lisboa, via Madrid.

Não posso deixar de fazer uma referência à boa organização de Lusanova e à nossa guia Maria João Neves.

Alem de ser uma profissional competíssima, com conhecimento dos locais visitados, culta e simpática, foi extremamente eficiente aparecendo tudo na hora certa, sem nos apercebermos do trabalho prévio que efetuava.

Também nas situações inesperadas, como os problemas de saúde de um dos nossos colegas, que conseguiu resolver, ultrapassando enormes obstáculos e dificuldades de modo a que pudesse regressar a casa connosco.

Comentário final: mais uma viagem memorável graças à organização da nossa prezada AAACL.

# VIAGEM AO IRÃO

## O DESLUMBRANTE REINO DA PÉRSIA E ORMUZ

De 11 a 24 de Maio de 2015

*Maria Guerra Prazeres*

De rota bem definida, 36 "exploradores", audaciosos e destemidos, indiferentes aos velhos do Restelo, que profetizavam receios e perigos, partiram equipados com as "bússolas" orientadoras do Pedro e do Hossein, para o tal país deslumbrante e misterioso, a antiga Pérsia, hoje conhecido por Irão. Nas linhas Aéreas Turcas, com uma longa escala em Istambul, chegaram madrugada adentro a **Teerão**, capital do Irão. No aeroporto estava a maravilhosa Íris, que nos guiou durante toda a viagem.

O Irão é o 18º maior país do mundo, com uma população de mais de 79 milhões de habitantes, sendo o 17º mais populoso do mundo.

O país foi o berço de uma das civilizações mais antigas do mundo (a Faradiba e o Xá comemoraram os 2 500 anos do país). Atingiu o apogeu durante o Império Aqueménida, fundado por Ciro em 550 a.C.



Entrada do Mausoléu de Shah Cheraq em Shiraz



Convívio inesquecível com iranianas

Cerca do ano 651 dC, o Irão foi conquistado pelos árabes muçulmanos e em 1501, o Império Safávida adotou o Xiismo como religião oficial. Em 1978 começou a revolução iraniana e em 1979 o Xá Reza Pahlavi foi deposto, levando à transformação do país numa república islâmica, sob o comando do Ayatola Khomeyni.

Chegados a Teerão fomos transportados para o *Hotel Azadi*, onde descansámos antes do início da nossa aventura. Teerão deriva de Tiran ou Tirgan, que significa a "morada de Tir" (a divindade zoroastriana associada a Hermes). Os Soberanos do Império Qajar fazem Teerão capital do país em 1789. Situada a 1190 m de altitude, é a principal cidade, com cerca de 14 milhões de habitantes, sendo 98% de língua persa.

Na visita ao *Museu das Jóias* gerou-se uma certa confusão, com imensa gente, espaço exíguo e uma iluminação fraca, mas o seu acervo é fabuloso. Neste espaço encontram-se jóias, da dinastia Qajar e principalmente dos Pahlavi, incrustadas de diamantes, rubis, esmeraldas, turquesas e pérolas. De realçar a coroa da Faradiba e os tronos onde foram coroados os Pahlavi. Seguiu-se a

visita ao *Palácio Golestan* (Jardim das Rosas), o mais antigo dos monumentos históricos do Irão e antigo Palácio Real da dinastia Qajar.

O famoso *Trono do Pavão*, cujo original não se encontra aqui, é de ouro maciço, com pedras preciosas incrustadas e com desenhos de sóis, flores, folhas e aves. O *Trono de Mármore*, também chamado Trono de Salomão, da dinastia Qajar apoia-se em estátuas de mulheres, demónios, leões e está ornado com motivos de inspiração mongol.

Viram-se obras de arte (vasos de Sèvres, vasos de malaquite, tapetes, quadros e pinturas) oferecidas pelos Chefes de Estado da Europa.

O Palácio é Património Mundial da Unesco desde 2007.

Também o *Grande Bazar*, perto do Palácio, recebeu a nossa visita.

Um novo dia surgiu com a saída em falso à visita do Complexo de Sad Abad, que estava ocupado com a recepção oficial ao Presidente do Iraque. Fomos então ao *Palácio de Niavaran*, parte integrante do Complexo Palaciano de Niavaran, que está situado num extenso Parque.

Foi a residência de Verão dos Qajar e a residência oficial do último Xá da

Pérsia e sua família, nos últimos 11 anos antes da revolução.

De destacar a Sala Azul, com os seus lustres, usada como sala de recepções, sendo aqui recebido Jimmy Carter, entre outros ilustres.

Ainda visitámos o *Mausoléu de um irmão do 8º Imã*, considerado santo.

Vestidas a rigor com o "chador" e descalças (sempre que haja carpetes), os nossos olhos pestanejaram com tanto brilho e riqueza!... Tudo grandioso, com o túmulo de prata, numa sala "forrada" a espelhos, cristais e de lindíssimos lustres.

Ao jantar, no hotel, celebrou-se o aniversário da Maria Helena Lucas dos Santos com bolo de anos e os parabéns cantados por todos nós, apesar das mulheres não poderem cantar... Por fim a Luísa Falcão tocou, ao piano, a Coimbra.

No 4º dia dirigimo-nos ao *Mausoléu do Ayatola Khomeyni*, situado a Sul de Teerão, lugar de peregrinação para os seus seguidores. A porta e a cúpula são de ouro e as mesquitas de cor azul. A visita fez-se de carro movido a electricidade e vestidas com "chador".

Em seguida deslocámo-nos ao *Museu*

*Nacional do Irão*, o maior museu de História e Arqueologia do país, com dois edifícios, um destinado à época pré-islâmica e outro à pós-islâmica. Apenas se visitou o 1º edifício, com objectos do paleolítico, neolítico, calcolítico, idade do bronze, idade do ferro, etc. Pudemos apreciar entre outros, objectos de Kashan com 5 000 anos e cerâmica do séc. V aC.

O *Museu de Cerâmica e Vidro* (séc. XIX) apresenta uma mistura de arquitectura iraniana e europeia (escadas). No interior vêem-se trabalhos de estuque e pinturas e nas vitrinas frascos de perfume, colares de cerâmica de 2 000 anos a.C., frascos miniatura, etc.

No 5º dia percorremos uma longa distância (530 km) de Teerão a Isfahan, passando em Kashan e Abyaneh. Durante o trajecto viram-se muitos iranianos com os seus carros estacionados e sentados no chão. Era 6ª feira, dia de piquenique!... Também se viram muitas caixas azuis e amarelas, destinadas à recolha de dinheiro para a Fundação Khomeyni, que apoia os pobres. Depois surgem as *Montanhas Karkas* com relevos avermelhados (ferro), amarelos (enxofre) e azuis (cobre).

Chegámos, entretanto, a **Kashan**, cidade do deserto, que conserva uma unidade arquitectural nos seus bazares, mesquitas, jardins e residências particulares que exprime um espírito comunitário tradicional.

Em Kashan iniciámos a visita pela *Casa Senhorial Brujerdi*, antiga casa privada, que conserva uma original torre de ventilação, com 6 faces, perfuradas por aberturas de ventilação semelhantes às das janelas. É um exemplo típico do barroco da época Qajar (Séc. XIX).

Após o almoço, seguimos para os *Jardins Fin*, situados a alguns quilómetros de Kashan. Estes jardins foram desenhados sob as ordens de Shah Abbas, o Grande (dinastia Safávida – Séc. XVII). Dois séculos mais tarde os pavilhões Safávidas foram substituídos por construções Qajar, mas o alinhamento das árvores, o jogo dos pequenos canais e bacias de mármore permanece-

ram fieis ao plano original. É Património Mundial da UNESCO.

A caminho de **Abyaneh**, com um calor sufocante, começou a chover, mas foi uma miragem e nada refrescou... Esta aldeia, "encaixada" no sopé da montanha Karkas (3 895m), apresenta casas construídas com tijolos de barro vermelho e varandas de madeira. Os seus habitantes são de origem zoroastriana. Descendo e continuando a descer fomos encontrar ruas muito estreitas, com edifícios, dos quais se destacam: templo de fogo, do período Sassanida (zoroástrico), um reservatório de água, parte da muralha e mais adiante o Mausoléu com cúpula cónica, uma característica da região. De regresso ao autocarro, agora subindo, subindo, deparámos com um trânsito caótico e tudo encurralado. Ultrapassada esta dificuldade, prosseguimos a viagem até **Isfahan**, mas pasmem... à entrada da cidade novamente o caos! E desta vez porque o clube da terra ganhara o campeonato ao derrotar, no minuto final, o clube de Tabriz, orientado pelo nosso Toni, e assim houve direito a festa rija. Homens, mulheres, adolescentes e crianças empoleirados nos carros, festejavam com muita alegria e barulho, buzinando... Com tudo isto a chegada ao *Hotel Kowsar* deu-se por volta das 23h30min e sem jantar...

Isfahan é uma das cidades mais antigas do Irão, a 3ª mais populosa e foi capital durante a dinastia Safávida. Situada a 1580 m de altitude, na planície do rio Zayandeh, tem a norte e a sul a cordilheira de Zagros e ao norte e leste é rodeada por desertos. Shah Abbas I foi o autor de uma grande experiência de urbanização do mundo, tendo ele próprio dirigido a construção das mesquitas, palácios, bazares e jardins públicos. A visita iniciou-se com a *Mesquita da 6ª feira*, ou *Mesquita Jameh*. É a maior mesquita e também a mais antiga da cidade, sendo o resultado de uma construção contínua, com reconstruções, adições e renovações desde o séc. IX até ao séc. XX. Começou por ser um templo de fogo, o seu pátio central é o

maior do Irão, com 65 m por 76 m.

Neste edifício manifesta-se a influência mongol dos períodos Timoride e Turcomano – os azulejos das paredes laterais formam estrelas, rosáceas, motivos florais estilizados, de uma graciosa originalidade.

Outra ilustração da época Timoride é o "Mehrab" (nicho sagrado, onde comanda a oração), do séc. XIV. Este nicho é enquadrado por uma maravilhosa decoração de estuque, os arabescos que têm entrelaçadas folhas de videira, motivos caligráficos, folhas e flores de lótus são gravados no estuque dourado deste belo "Mehrab".

Em seguida visitámos o *Bairro dos Arménios*, começando pela *Catedral do Santo Salvador* ou *Catedral de Vank*, que significa mosteiro ou convento na linguagem arménia. A sua construção foi iniciada no séc XVII. As influências latina, russa e persa misturam-se singularmente.

É majestosa! Belíssima! Assim, a tapeçaria, azulejos e pinturas realçam as técnicas orientais, mas os assuntos ilustram o ocidente, com episódios da Bíblia e dos Evangelhos (criação do mundo, Juízo Final, Jesus entre os doutores, a expulsão do paraíso, etc.).

Em 1905 foi erigido um pequeno *Museu* junto à Catedral. As suas colecções têm muito interesse; são bíblias antigas coloridas, vasos sagrados, mitras, paramentos, etc. Estas recordações não são apenas da colónia arménia, mas também da história das minorias cristãs da Ásia.

A tarde, após a sesta, trouxe-nos a visita ao *Palácio Chehel Sotun*, exemplo do requinte da corte dos reis Safávida. No coração de um dos Parques da Cidade, no final de um longo lago, encontra-se um magnífico pavilhão. O tecto suportado por 20 colunas de madeira mira-se na água, dando-nos um palácio com 40 colunas!... Era um pavilhão de diversão e recepções, que infelizmente sofreu uma atrocidade praticada sobretudo pelos afegãos, que recobriram as pinturas com uma tinta espessa. A parte mais importante deste

palácio é o seu interior pintado, que representa várias cenas de batalhas e de audiências realizadas pelos reis persas. No painel central, relativo à batalha entre persas e otomanos, pode-se observar uma pequena parte original, deixada propositadamente para que se notasse a diferença.

No final do dia, visitámos as pontes sobre o rio Zayandeh (Khaju e Si-o-se-pol, mandadas construir por Shah Abbas II, nos começos do séc. XVII. A 1ª ponte, com 132 m de comprimento e 44 m de largura, é uma magnífica obra com dois andares de abóbadas e a 2ª com 300 m de comprimento tem 33 arcos.

Depois do jantar, no hotel, apenas 5 felizardas foram agraciadas com um belo presente!... Levadas ao 7º andar pela Íris, a pedido da nossa Presidente, entrámos numa sala, à esquerda, onde a noiva e as suas convidadas dançavam elegantemente vestidas, penteadas, decotadas, maquiadas e sem lenços, enquanto o noivo e seus convidados se divertiam numa sala à direita!... Foi o máximo!

No 7º dia saímos em direcção à *Praça Imã, Meio Mundo* e ainda conhecida como *Praça Naqsh-e-Jahan*, antes da revolução, que foi o coração da capital

Safávida. Tem 500 m de comprimento e 165 m de largura e é Património Mundial da UNESCO.

Quatro jóias da arquitectura do séc. XVIII ornamentam esta bela Praça, simbolizando os domínios político, económico e religioso da Pérsia Safávida. O começo da visita deu-se pela *Mesquita do Imã*, pública, que é sem dúvida um dos belos monumentos do mundo. Situada, a sul da Praça, a cor dos ornamentos de cerâmica é o primeiro elemento de admiração. O arquitecto muçulmano dominou o espaço e a pedra com uma finalidade mística, deixando o visitante extasiado neste universo, em que o exterior e o interior rivalizam a beleza!...

A abóbada, dupla (com 54 m e 38 m), origina um espaço vazio, uma extraordinária caixa de ressonância, que permite ao orador, colocado no "mehrâb", fazer-se ouvir distintamente, em todas as partes da mesquita. Esta qualidade acústica foi por nós comprovada ao ouvirmos o Heitor cantar. Esta mesquita é uma deliciosa obra de arte!

Quão maravilhoso é observar os pormenores desta harmonia monumental – uma cor turquesa numa arcada, uma

cor amarela, uma cauda de pavão, uma caligrafia que corre sobre metros de cornija, fazendo hábeis entrelaçados!... É simplesmente deslumbrante!

Seguiu-se a *Mesquita Sheik Lotfollah*, nome de um eminente teólogo, a quem o rei Shah Abbas, o Grande, dedicou esta mesquita.

Eleva-se a este da Praça e é uma mesquita privada, reservada às devoções do rei, família e gente próxima. O azul, turquesa e rosa animam os motivos da fachada, mas a cúpula tem a cor amarela dominante. Tem como decoração a caligrafia e motivos realistas compostos à maneira de miniaturas – vasos de flores, pavões, ciprestes, etc.

Viu-se muito bem a cauda do pavão real iluminada.

Não tem coro nem minarete, porque é privada.

Outras das jóias desta Praça é o *Palácio de Ali Qapu*, situado na parte oeste, em frente à Mesquita Sheik Lotfollah. O edifício, em obras de restauro, é caracterizado por um tecto avançado, suportado por umas colunas de madeira muito finas. A porta original era de ouro, dedicada a Maomé (sagrada), mas foi substituída por madeira, pois foi trans-



O grupo...



Na sala maravilhosa do Mausoléu

ferida para o túmulo de Ali em Meca. O Palácio compreende 7 andares, cada um com sua função. Do 3º andar pudemos desfrutar uma bela paisagem: cúpulas, minaretes, a Praça Imã e as montanhas. No 6º andar, a sala de música, com os nichos escavados no estuque proporcionavam um efeito decorativo no exterior e uma boa acústica. O último andar destinava-se aos músicos. Após o almoço, no restaurante Bastani, houve colegas que foram às tapeçarias, enquanto os restantes foram gozar a sesta, no hotel.

O *Grande Bazar*, situado a norte da Praça também por nós foi visitado. É um mercado histórico e um dos mais antigos e espaçosos bazares do Médio Oriente.

No dia seguinte outro longo caminho a percorrer (315 km) para chegarmos a **Naein**, pequena cidade, conhecida pelos seus tapetes. Nesta cidade, a visita incidiu sobre a *Mesquita da 6ª feira*, cuja parte mais antiga remonta ao séc.

X (época abassida). A decoração apresenta uma grande variedade de motivos geométricos e florais, assim como trabalhos de caligrafia.

Tem um minarete adicionado há cerca de 700 anos.

Visitámos igualmente o *Museu Etnográfico*, onde à entrada fomos surpreendidos por uma figura com um pau, mas depois surgiram os potes, moedas, porcelanas, sabres e outros objectos...

Após o almoço parámos num *caravansarai*, bastante destruído. Subindo, observou-se a extensão do deserto e uns carneirinhos e ovelhas petiscando o que apanhavam...

Durante o percurso para **Yazd** encontraram-se muitas fotos de mártires da guerra e à entrada da cidade deparámos com as *Torres do Silêncio*, circulares, situadas bem perto do *Hotel Parsian Safaeih Yazd*, onde nos alojámos.

Estas torres eram os cemitérios dos zo-

roastristas. Os mortos eram colocados nas torres para serem decompostos pelo Sol e comidos pelos abutres, pois os zoroastristas consideram o morto impuro e sujo. Acreditam que o diabo entrou no corpo do cadáver e contamina todos os que entram em contacto com ele. Assim evitam a poluição da terra, água e fogo.

A família permanecia, numas casas de adobe, até o corpo ser totalmente consumido (1-5 semanas). Agora os zoroastristas têm um cemitério exclusivo.

Yazd, situada a 1200 m de altitude, é o centro da pequena comunidade zoroastriana, que se mantém fiel a uma fé pré-islâmica, centrada no culto do fogo que arde perpetuamente nos templos de Yazd. Desde o séc. V a.C., que não se apaga! Os zoroastristas seguem o princípio do bem e do mal (pensar bem, falar bem e actuar bem).

O *Templo do Fogo*, que visitámos foi construído em 1934 pelos persas zoroastristas da Índia.

Seguidamente vimos a *Mesquita da 6ª feira ou Jame*, uma das mais antigas do Irão, em que o portal esmaltado, corado por 2 minaretes, é o mais elevado da região. Esta mesquita, cuja parte mais antiga data do séc. X, foi construída sobre um templo de Fogo durante o séc. XIV. No seu interior apresenta escritos em pedra, paredes com seixos, com dizeres Ali e Maomé. O *Antigo Bazar* também recebeu uma breve visita. A entrada é revestida com azulejos do séc. XV.

O almoço chegou com a festa de aniversário do Hossein, onde não faltaram os parabéns cantados, o bolo com as velas e o FRA do costume. Como não esperava tal recepção, o seu agradecimento foi muito sentido e comovido. Continuámos a visita do dia, indo à *Casa e ao Jardim Dowlat Abad*, do séc. XVIII. A casa eleva-se no meio de um oásis de verdura, que faz sobressair o tom ocre das suas paredes. A sua grande torre de ventilação (com 8 lados) emerge no meio dos pinheiros e ciprestes e a sala de recepção octogonal, com belos vitrais e portas, comunica

com outras salas. Por último visitámos os *Banhos do séc. XVII – Hamman Khan*, hoje restaurados e transformados em Salão de Chá. Já no aeroporto, a espera foi longa até chegarmos a **Bandar Abbas**, sendo conduzidos ao *Hotel Hormuz*, onde nos esperava o Dr. Anísio Franco, conservador do Museu Nacional de Arte Antiga, que dados os seus preciosos conhecimentos, foi uma mais-valia durante a parte final desta viagem. No dia seguinte (20 de Maio), do porto, saímos rumo à *Ilha de Ormuz*. Atentamente fomos ouvindo as informações sábias do Dr. Anísio.

Esta ilha, de apenas 42 km<sup>2</sup> de superfície era no séc. XVI uma cidade opulenta, ponto de ligação entre o Oriente e o Ocidente. Afonso de Albuquerque, carregou a primeira pedra para iniciar a construção de uma fortaleza, em 5 de Maio de 1515, a que chamou a fortaleza de N.ª Sr.ª da Vitória. A sua construção, obra de Inofre Carvalho que estivera em Mazagão, realizou-se entre 1550-1560. Foi também o construtor das fortalezas do Bahrain, Muscate (Omã) e de S. Julião da Barra. Afonso de Albuquerque tinha muitos inimigos, incluindo Francisco de Almeida, que não aceitava a sua ida a Diu para criar um império no Oriente, em Goa. Em 1622 os mantimentos não chegavam para manter Ormuz, que assim caiu em poder dos persas, auxiliados pelos nossos "amigos" ingleses.

Na ilha fomos numa carrinha até à fortaleza. A água tem um tom azul esverdeado e a terra uma cor vermelha intensa. Os antigos canhões continuam apontados ao inimigo... A fortaleza não está virada para o Golfo, mas para o estreito por onde navegou o barco.

Dentro de um baluarte reconstruído (em 1977 a Gulbenkian ajudou na reconstrução) e bem fresquinho, vimos um pequeno museu com objectos de cerâmica e porcelana locais, além de uma televisão mostrando o Ayatola... Descemos até uma cisterna, com arcadas e colunas, a que chamam a igreja. As colunas são baixas para suportar o capitel. Vimos igualmente um conjunto

de casamatas com esqueletos e lápides (1589).

De novo em **Bandar Abbas**, após o almoço e sesta dirigimo-nos ao *Museu Antropológico*, no qual se encontram máscaras de Ormuz, representação da batalha de Ormuz, entre portugueses e persas, pescadores de pérolas, potes de cerâmica, cerâmica com influência de Iznik, etc.

Passámos, brevemente, pelo *Mercado do Peixe*, que apresentava muita variedade.

Depois do jantar, no hotel, rumámos em direcção ao aeroporto para voarmos até **Shiraz**.

Raiou um novo dia (11º dia) na terra do Hossein, que é a capital da província de Fars e é a 5ª cidade mais populosa do Irão (+- 1 500 000 habitantes). É a cidade das rosas, dos rouxinóis, do amor, mas sobretudo dos poetas Hafez e Saadi, os seus cidadãos mais ilustres. Situada a mais de 1500 m de altitude (montanhas Zagros) é um oásis de verdura e cultura no deserto. Iniciámos a visita pelo *Castelo Kharin Khan* (fundador da dinastia Zand), detentor de uma torre inclinada e em que os ornamentos são de forma geométrica. No pátio, em frente ao jardim, encontra-se um terraço com 2 colunas cobertas de espelhos e algumas pinturas.

Aqui sentava-se o regente, nome que o rei adoptou por não querer ser tratado por shah (rei), para desfrutar do jardim. Na *Mesquita Vakil* (nome que significa regente), situada perto do Bazar, sobre o seu portal observam-se os traços de reparação executados no séc. XIX (Qajar), vendo-se faiança com decoração floral. A sala do "mehrâb" compreende 48 pilares em espiral; só a cúpula tem ornamento.

Após o almoço e a sesta fez-se a visita ao *Mausoléu do Poeta Saadi*, poeta teólogo, que nasceu em 1189 e faleceu em 1290. Compôs entre outras obras, o *Golestan*, num estilo tão perfeito, que parece fácil.

Os seus poemas são sobre a natureza. O Mausoléu de cor azul está rodeado de ciprestes. Os azulejos imitam os do

séc. XIX. O túmulo é mais antigo, mas a construção é do tempo do Xá. O Dr. Anísio leu a tradução de dois poemas e a Íris leu um em persa, que está num azulejo neste local.

Vem agora a visita ao *Mausoléu de Hafez*, poeta do séc. XIV (1320-1389). É o poeta por excelência do Irão, que morreu junto às montanhas. Aborda questões da natureza, prazer do amor e do vinho (agora proibidos). Modelo de Goethe, autor de uma poesia mística com imagens densas, Hafez escreve num estilo tão harmonioso e requintado, revelando o seu domínio e cultura. Acabámos visitando o *Mausoléu do Sobrinho do 8º Imã*, mártir falecido muito jovem. Vestido o "chador" lá fomos nós para mais um mausoléu, com embutidos de espelhos, cristais e belos lustres.

Ao 12º dia deslocámo-nos a **Persépolis**, situada a cerca de 70km de Shiraz e a 1 800m de altitude. Persépolis foi a grande metrópole Aqueménida, que ilustrava e simbolizava o poder persa. A frase *Dario é o Grande* conquistou o mundo. Esta cidade foi depois incendiada pelas tropas de Alexandre, para se vingar do incêndio de Atenas. É Património Mundial da UNESCO. A entrada para a visita aos vestígios da antiga capital persa fez-se pela "porta das nações", na qual ainda é possível ver-se uma coluna e touros gigantescos, que ornamentavam as paredes. Estes touros estavam encarregados de parar os maus espíritos, dada a sua força simbólica. A "Sala das Cem Colunas", mandada construir por Xerxes, filho de Dario, era a sala de recepção mais vasta da cidade. A "Apadana", a sala principal do palácio era reservada às audiências do rei, vendo-se ainda relevos da luta entre um leão e um persa, Dario com um chapéu de sol, símbolos da primavera e dos zoroastristas com nenúfares.

Dos relevos mais importantes vai o relevo para as ofertas das várias nações. Entre cada nação existia um cipreste (vida longa) a fazer a separação, que ainda é muito visível. Assim vimos cavalos e ânforas da Fenícia; dromedá-

rios e panos dos beduínos; da Etiópia uma girafa de marfim, etc. o Palácio de Dario era o mais pequeno, seguindo-se o de Xerxes (pouco se conservou) e o maior era o de Artaxerxes.

Nas montanhas que dominam a cidade estão os túmulos de Artaxerxes II e Artaxerxes III e ao sul do terraço do Palácio encontra-se o túmulo de Dario III, o último rei Aqueménida.

Em **Naqhshe Rostam**, uma espécie de "Vale dos Reis", situada a 12 km de Persépolis encontra-se uma alta falésia, trabalhada pelo vento, revelando 4 túmulos escavados na rocha, bem como outros 8 relevos nos nichos, escavados artificialmente. Merecem realce estes relevos da época Sassanida, situados por baixo dos túmulos aqueménidas. Num deles o fundador da dinastia Sassanida é investido pelo deus Ahura Mazda.

Aqui encontram-se os túmulos de Dario, o grande, Xerxes, Artaxerxes e Dario II.

Depois do almoço no "restaurante do pavão" visitámos **Pasargadae**, situada a 1 900m de altitude, fundada por Ciro I, no séc. VI aC, como sede do governo e é local do seu túmulo. Nada mais existe

neste local, além de um templo de fogo que está a ser restaurado, mas não é completo. À noite houve o jantar de despedida no restaurante *Haft Khan*, no 2º andar, embora nos quisessem pôr a comer de pernas cruzadas...

Shiraz ainda tinha para nos mostrar o *Mausoléu de Shah Cheraq* (o 3º irmão do 8º Imã). É o 2º lugar sagrado do séc. XVII, depois do túmulo do 8º Imã que se encontra em Mashhad. De "chador", lavado e envolto em plástico, entra-se descalça e o deslumbramento é total!... Numa sala grande, além do túmulo de prata, tudo são espelhos, cristais azuis, verdes, lustres maravilhosos e alabastro a toda a volta. O melhor de todos que vimos.

Seguiu-se a ida à *Mesquita Nasiról Molk*, do séc. XIX, que é quase uma cópia da Mesquita Vakil. No interior existem duas filas de 6 colunas de pedra, em espiral, com capitéis ornados de acantos, que suportam pequenas cúpulas de faiança rosa.

Vimos, em seguida, os *Banhos e o Poço do Touro*. Este com uma corda puxava a água do poço para outro reservatório mais pequeno e assim tinham água para as lavagens. Ainda visitámos

o *Museu do Jardim de Narenjestan* do séc. XIX. A Casa Ghavan, com a elegância e o requinte das importantes famílias iranianas do séc. XIX, pertencia a uma família de comerciantes, que se tornou influente no governo das dinastias Zand, Qajar e Pahlavi. O jardim Eram tem muitas árvores de toranjas em seu redor.

No tecto da casa, de madeira com pinturas, vê-se o símbolo dos iranianos antes da revolução – um leão com uma espada, com o sol atrás (significa o poder).

Uma das salas tem o tecto pintado por senhoras europeias.

Acabámos, depois do almoço e intervalo para a sesta no *Bazar Vakil* para efectuar as últimas compras.

À meia-noite deixámos o hotel a caminho do aeroporto, para voarmos até Istambul, chegando a Lisboa cerca das 10h30min, um pouco cansados, mas felizes por termos conhecido este maravilhoso país, de gente muito afável e que no dizer do Dr. Anísio Franco é esplendoroso e incarna o sonho das mil e uma noites...

## A VOZ DA FILANTRÓPICA

# CHÁ DOS REIS / CHÁ DA PRIMAVERA / APOIO AOS SEM-ABRIGO

São sempre bem vindas as oportunidades de convívio, de troca de felicitações e votos de Feliz Ano que a Filantrópica proporciona aos seus Associados.

Os Chás dos Reis e da Primavera são sempre enriquecidos com poemas alusivos ditos pela Catarina Rodrigues e pela Maria Alice Gouveia (que é também autora de alguns).

Mas mais gratificante foi aliar a um desses convívios o contributo pessoal de cada um dos participantes para uma causa

premente: no dia 3 de Junho, a Comunidade Vida e Paz fez um apelo televisivo "não temos leite para os Sem-Abrigo".

Transmitido pela Direcção no jantar/conferência, de imediato recolheu donativos que renderam 405 litros de leite, entregues em mão a um voluntário do movimento logo no dia seguinte. É a alma de Coimbra que esperamos se faça sentir em generosidade sempre!

A Direcção



# IN ILLO TEMPORE

AMÉLIA FERREIRA-PINTO

No ano de 1962, encontrava-me em Bissau a leccionar no recém fundado Liceu Honório Barreto. Nessa altura, a Guiné era ainda uma colónia portuguesa, onde trabalhavam muitos funcionários do Estado português.

O ambiente que nos rodeava era muito agressivo. O clima era excessivamente quente e húmido; as carências eram muitas; as pragas de grilos e gafanhotos apoquentavam-nos; as cobras apareciam por todos os lados. Trabalhávamos no meio do zumbido contínuo das ventoinhas que rodopiavam sobre as nossas cabeças. O ar condicionado não chegava até nós. Durante a noite, o barulho dos sapos, outra praga que saía da terra logo que começavam as chuvas, não nos deixava dormir.

Para além de tudo isto, ouvíamos o constante metralhar de uma guerra sem fim à vista.

Da Metrópole, chegavam sucessivos barcos carregados de contingentes de tropas que eram encaminhadas para a frente de combate.

As notícias vindas de lá, eram tristes e desanimadoras.

Pairava no ar uma atmosfera de desconfiança, de incerteza, de desânimo.

No meio de todo este estado de angústia, fomos bafejados com a presença de um jovem oficial miliciano que fazia parte do exército estacionado em Bissau.

Assistente da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, o saudoso Doutor Carlos Alberto da Mota Pinto, possuidor dum carácter aberto e comunicativo em breve se juntou ao nosso grupo.

Sentindo, talvez, a falta da sua profissão de professor, disponibilizou-se logo para me ajudar nas aulas extraordinárias que eu dava (grátis!), no liceu, a alguns alunos dos últimos anos com mais dificuldades, e aos estudantes incorporados no exército que tinham sido obrigados a interromper os seus estudos. Tudo isto com o patrocínio do extraordinário Governador daquela província, o Comante Peixoto Correia.

## DECRETUS

CONSIDERANDUM magna necessitate purgationis thedius imensus ab patria mancarras gerata;

CONSIDERANDUM irreprimibilis exigentias revivere Vniversitatis Tvrris cum Kabra sua, cavdalosvs flumen "Basophias" Thonium Latronis Tridinium et generosissimvs Uachinus Phiratha;

CONSIDERANDUM nos quoque gens svmvs et mensa lochalis appropriatha conviventia est,

Magnvm Concilium Veteranorvm (Sectione Guinieensis), tenitvus in die quartodecimo post Kalendas Februari, cum magno ronco, pompâm et ostentationem, clarividetissime decretat ut valeat lege urbe et orbe:

PRIMO – Omnes ilvstrissimi Doctores (☩) Conimbricensis, liberati ivgvs pherocissimi et kalinissimi lentes, intimati svnt ad comparendvm in Grandis Hotelis, die dezassetis per crepvsclvum vespertinvum, cum queixorvm et dentorvm bene aphilathi ad deglvttionem svcvlentissimvm repastvm;

SECUNDO – Omnes horripilantissimi et nongentissimi calauri potent exalare fedorentissimos odores svos in hoc localis virtvtibvs magnvm fastvm;

TERTIO – Omnes Roxinolis Mondegvsv invitati svnt ad horripilare timpanvs patientissimi presentes cvm lamentesissimi canti et guitarrae svas;

QVARTO – Omnes futricæ compeliti svunt ad mantenerere se ipse ad distantiam minimam viginti legvue;

QVINTO – Virtvtibus magnæ canicvlæ Kapa et Batina dispensatæ svnt indvmentaria ad libitvm.

BISSAVS, DECEM DIES POST VLTIMO DIE "SANCTVS VAPORIS"

MAGNVM CONCILIUM VETHERANRVM

DUX VETHERANORVM ALTERI VETHERANI

ANTHONIVS KALITARIA FIRMINVS CVNICULUS DE MENDONÇA PIVS

IOSEPHVS KOSTA BRANDONIS

PHERDINANDVZ PHERREYRAM PINTVS

CHAROLVS MOTTA PINTORVM

NOTA EXPLICATIVA; o DUX VETHERANORVM ANTHONIVS KALITARIA FIRMINVS era o Reitor do Liceu e os ALTERI VETHERANI CVNICULUS DE MENDONÇA PIVS era o Director dos Serviços de Economia da Província da Guiné; IOSEPHVS KOSTA BRANDONIS, era vice reitor do Liceu; PHERDINANDVZ PHERREYRAM PINTVS, era o juiz de direito da Comarca de Bissau; e o CHAROLVS MOTTA PINTORVM, era oficial do Exército e foi anos mais tarde Professor Catedrático da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra e Primeiro Ministro de Portugal.

Mas não só. Num dos nossos convívios, o Doutor Mota Pinto, sempre activo e criativo, sugeriu que organizássemos uma associação dos antigos estudantes de Coimbra, onde cada membro poderia manifestar os seus "dotes naturais", recordar factos relevantes e extravagantes da vida académica. Começámos por publicar o decreto que aqui apresentamos, da autoria do Doutor Mota Pinto em parceria com esta espécie, em vias de extinção, de Magistra dessa terrível e temível língua: o latim.

Como poderão verificar, usámos o que há de mais clássico e vernáculo na nossa língua materna ...

Acresce-me ainda dizer que as nossas reuniões começavam com a tradicional saudação académica: "Coimbra, Universidade. Amor e Saudade".

Seguiam-se as evocações, as libações, as mastigações. Não faltavam os eferreás e os elogios às virtudes e atitudes dos nossos antigos "Magníficos".

E vinham os fados e as guitarradas, os cantos esganiçados dos cantores avinhados, os "brilhantíssimos" discursos

numa correcta e impecável gíria académica, as encenações, as anedotas, as piadas e as gargalhadas.

Depois .... com as lágrimas mal contidas, com os "Repolhos" caídos e amachucados, entoávamos a Balada de despedida.

E assim terminavam as nossas festas – com toda a "papança", com toda a "pujança", com toda a "cagança"<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Os vocábulos com que concluímos este documento histórico, foram extraídos do "Código Consuetudinário Académico", religiosamente seguido pela "malta" respeitadora, respeitada e respeitável que frequentava a velha Academia.

TERTÚLIAS ACADÉMICAS



# AUTOMÓVEIS ELÉCTRICOS

## - SUA HISTÓRIA E ATUAL VIABILIDADE

PROF. DOUTOR VICTOR M. MATOS LOBO - 21 DE JANEIRO

Nos 1880's desenvolveram-se versões utilitárias (e comerciais) de dinamos, motores eléctricos, e baterias de chumbo que logo proporcionaram a existência de veículos rodoviários com motor eléctrico ("automóveis eléctricos") em concorrência com o uso do motor de combustão interna ("gasolina"), máquinas a vapor ("vapor").

Conforme se explicou na tertúlia na AAEC, os automóveis eléctricos foram predominantes sobre automóveis "a gasolina" e "a vapor" até aos 1910's (em 1900 foram vendidos 5000 eléctricos e só 1000 a gasolina). Também foram referidas as razões da sua extinção:

- desenvolvimento (só em 1911) do motor de arranque que resolveu um dos maiores problemas dos "gasolina";

- desenvolvimento de rodas com pneumáticos (pneus) e não de borraça maciça, o que permitiu aumentar imenso a velocidade;

- progressiva substituição de vias com calçadas de pedra por outras mais lisas (alcatrão, etc.), o que também permitiu muito maiores velocidades;

- desenvolvimento do silenciador;

- enorme melhoria na fiabilidade dos "a gasolina";

- o automóvel eléctrico custava \$1750, enquanto o "a gasolina" só custava \$440;

- explicou-se a enorme perda de autonomia do automóvel eléctrico com baterias de chumbo quando se passa

a velocidade de 20 a 30 km/h para 70 a 80 km/h e conseqüentemente a sua "derrota" face aos "a gasolina", tendo a última fábrica de automóveis eléctricos fechado em 1921; etc.

Explicaram-se as razões que nos levam a querer ressuscitar o automóvel eléctrico, os recentes desenvolvimentos em baterias e super condensadores, os problemas de autonomia e preços. Explicou-se que se gastam quantias gigantescas em investigação nesta área e que não é por qualquer acção nefasta de quaisquer entidades (por exemplo, "lobby do petróleo") que ainda não se conseguiram automóveis eléctricos tão baratos como os equivalentes aos "a gasolina".



# OS NOSSOS POETAS

DE ALICE PLENO GOUVEIA

## MALMEQUER

Quantas vezes eu corria  
Pelos campos e colhia  
A tua pequena flor!  
Sempre alegre, descuidada  
Desfolhava, desfolhava,  
Enquanto te perguntava  
Se o meu amor me queria.  
Mas tu nunca me dizias:  
"Pouco ou Nada!"  
Eu corria alegremente  
Eufórica e descuidada.

Mas cheguei à conclusão  
Que tu eras mentiroso!...  
Quem sabe se brincalhão?  
Ou seria por vingança  
Da maldade que eu fazia,  
Quando da tua corola  
Eu insensível tirava  
Alvas pétalas que deixava  
Espalhadas pelo chão?

Como eu era inconsciente  
Roubando a tua beleza!  
E tu sofreste inocente  
Calando a tua tristeza.  
Se foi por essa razão...  
Malmequer,  
Peço perdão.

## ESTRADA LARGA E BELA

Já tive a felicidade  
De tanta vez contemplar  
Uma estrada larga e bela,  
Feita de prata e luar,  
Estendida sobre o mar  
Até à minha janela.

Com toda aquela beleza,  
Perante aquela magia,  
Confesso a minha fraqueza,  
Logo me punha a sonhar  
Nas asas da fantasia,  
Indo longe, muito longe,  
Que nem dá para calcular!...

Apesar de não poder  
Pôr o pé naquele "asfalto",  
Nem acostar meu navio  
Porque o cais era bem alto,  
Viajava até que a lua  
Resolvesse descansar,  
Pois então a linda estrada  
Se dissipava no mar.

Essa estrada larga e bela,  
Outra mais bela não vi,  
De tanto viajar nela  
Nunca mais a esqueci.

## LEONOR

Toca o despertador.  
Ainda é alta a madrugada!  
Como é moça despachada  
Afasta o seu edredão.  
De um pulo se põe no chão.  
Corre depressa ao banheiro  
E toma um duche ligeiro!  
Lava a cara, suja a cara  
Com as pinturas da moda.  
Acabada a toilette  
Corre à sua kitchenet  
Liga logo a cafeteira  
E também a torradeira:  
E sempre com muito afã  
Faz a refeição da manhã.  
E já pronta bem ladina  
Com jeans e blusão  
Põe a mala a tiracolo  
Onde leva os seus cartões  
E a "carta de condução"  
Sobe à sua camioneta  
E lá vai para a Ribeira.  
Solta um grito um assobio  
Um gesto ou um palavrão  
Puxa um caixote ou um cesto  
Até ter o seu quinhão!  
E depois... com esse peixe  
Que aí comprou passa o dia  
De peixaria em peixaria.  
Não é Leonor de Camões  
Nem sequer de Gedeão  
É a Leonor da Ribeira

## IN MEMORIAM...

### Deixaram-nos... no primeiro semestre de 2015:

- Dr. Arnaldo Alberto Tavares Rodrigues Pais, Sócio 658 – em 9 de Fevereiro;
- Dr. António Mendes da Silva Morgado, Sócio 626 – em 25 de Fevereiro;
- Eng. Manuel Rodrigues Lopes, Sócio 597 – em Fevereiro;
- Eng. Martinho Rocha Nadais, Sócio 170 – 12 de Abril;
- D. Maria Isabel Cerveira Miranda, Sócio 1174 – em 24 Abril;
- Dr. Nuno Tavares, Sócio 195 – 13 de Maio;

- Eng. Mário João Caldeira de Oliveira Pereira, Sócio 526 – em 5 de Junho;
- D. Maria Manuela Ferreira de Freitas Graça, Sócio 349 – em 15 de Junho;
- Dr. António Joaquim Bastos Marques Mendes, Sócio 780 – em 15 de Junho
- Dr. Carlos Tavares de Sousa

*Que descansem em Paz!*



## “ASPECTOS DA CONTRIBUIÇÃO PORTUGUESA PARA O PROGRESSO DA MEDICINA” – NOTAS HISTÓRICAS

PROF. DOUTOR JOSÉ DE PAIVA BOLÉO-TOMÉ – EM 25 DE FEVEREIRO

Nos tratados de História da Medicina é muito rara a referência a portugueses. Quando são citados é frequente ser-lhes atribuída outra nacionalidade, geralmente a espanhola; Portugal parece não existir, para além de um tal senhor Da Gama, ou de um poeta, Camões. E, no entanto, os portugueses deram contribuições fundamentais únicas, que anteciparam em vários séculos todos os conceitos actuais de Assistência.

Com base nesta realidade, depois de uma breve referência ao aparecimento de hospitais, são apontadas três linhas de acção em que os portugueses foram realmente pioneiros:

- 1 – A reforma dos sistemas de Assistência Pública;
- 2 – A reforma dos cuidados de Saúde Mental;
- 3 – A reforma dos cuidados em situações de guerra (os Reais Hospitais Militares).

A primeira, a reforma da Assistência Pública, teve como figura principal a Rainha D. Leonor, esposa de D. João II e teve por base a instituição das Misericórdias (séculos XV e XVI). Quase todas com o seu hospital anexo constituíram uma rede de assistência exemplar que prestou serviços notáveis nos novos mundos abertos ao conhecimento pelos Portugueses, desde o Brasil a Macau e ao Japão. Conseguiram sobreviver até aos nossos dias, apesar dos assaltos dos poderes políticos.

A segunda, a reforma dos cuidados de saúde mental, foi igualmente iniciada por um Português, João Cidade Duarte, natural de Montemor-o-Novo, conhecido na vida e na História como João de Deus (século XVI). Com quatro séculos de avanço, João de Deus e os seus companheiros souberam fazer uma extraordinária reforma da assistência aos doentes

mentais. Nos seus hospitais, desde o século dezasseis passaram a ser aplicadas técnicas de recuperação que só seriam completamente reconhecidas já no século XX.

A terceira, a reforma dos cuidados aos feridos de guerra, teve como principal promotor o Rei D. João IV e nasceu no século XVII como uma necessidade durante a chamada Guerra da Restauração. A sua característica principal foi a criação de uma rede de Hospitais militares dotados de quadros próprios, podendo ser deslocados para onde fossem mais necessários. O trabalho de coordenação e de assistência foi entregue pelo Rei aos Irmãos de S. João de Deus, que justificaram largamente a confiança do Rei D. João IV. A sua acção manteve-se com qualidade até à expulsão das Ordens Religiosas na primeira metade do século XIX.



## “UMA ESTÓRIA DA TERRA, DO HOMEM E DOS INCRÍVEIS MATERIAIS”

DR.ª MARIA ELISABETE MOREIRA DE ALMEIDA – 22 DE ABRIL

Com o objectivo de divulgar o indubitável interesse da sua área de especialidade: os Materiais, a Autora decidiu estruturar esta Palestra de modo a que ela nos conduza, de um modo leve, desde os confins dos tempos da origem da Terra, há mais de 4,5 biliões de anos, até aos nossos dias no dealbar do século

XXI. Começa com tal intuito pelo caos, a que já os antigos Egípcios chamavam Deus *Atum* ou *Num* e que constituiu a primeira expressão divina no nosso Planeta. Continua depois pela origem das partículas subatómicas e pela sua organização em átomos e moléculas. Refere então que essa organização foi

tal que, respeitando regras de origem desconhecida, originou apenas cerca de 120 elementos químicos (exemplos oxigénio, cálcio, magnésio, etc...), dos quais 30 são raros. Tal significa, que tudo o que hoje existe, absolutamente tudo, é fundamentalmente constituído por apenas cerca de 90 elementos químico-

cos! Quer isso também dizer que tudo o que nos rodeia e até o próprio Homem, é feito de apenas esses elementos. Foi a organização dos átomos em moléculas (a menor porção de matéria já com todas as características de cada Material) que veio a constituir a estrutura diferenciada de tudo o que existe.

Entretanto, enquanto as moléculas iniciais seriam inanimadas, elas foram-se reunindo ao longo de milhões de anos de História da Terra, permitindo a formação dos primeiros ácidos desoxirribonucleicos (ADN) e a ocorrência de Vida no Planeta. Primeiro, timidamente, sob a forma de seres unicelulares que se foram organizando de tal modo, ao longo de milhões de anos que, chegando a passar pelos tão célebres dinossauros, conduziram há cerca de setenta milhões de anos ao aparecimento dos seres ancestrais que, há cerca de trezentos mil anos permitiram o aparecimento do Homo Sapiens de onde derivou o Homem na Terra. Eis porque o Homem se pode considerar apenas um diminuto bebé na velhíssima História do nosso Planeta.

Fala depois a Autora que, segundo esta evolução, quando o Homem surge na Terra, já existiam os mais variados *Materiais Inanimados* (de ultralongos Ciclos de Vida), como as mais variadas rochas e minerais, bem como inúmeros *Materiais Animados*, constituídos por uma grande variedade de seres vivos, quer do *Reino Vegetal*, quer do *Reino*

*Animal*. Acaba assim por concluir que podendo definir-se como Material tudo o que existe, são os Materiais Sólidos os mais fáceis de consubstanciar e classificar em *Materiais Inanimados* e *Materiais Animados* (os que tendo ciclos de vida mais ou menos curtos constituem todos os seres vivos, dos quais o Homem se tornou o mais importante).

Nestas circunstâncias, informa então a Autora que, dada a sua formação especializada e a sua experiência de quatro décadas de vida profissional activa, pretendendo impedir que se lhe pudessem aplicar o velho ditado popular que afirma que "*Quando um Homem morre, é uma Biblioteca que arde*", decidiu preparar, ao longo dos primeiros seis anos da sua Vida de Aposentada, dois Legados para o seu País e para os Portugueses, consubstanciados nos dois Livros seguintes:



Com o objectivo de fazer chegar a sua Mensagem a todos e quaisquer Portugueses que saibam ler, preparou ambos os Livros em versos profusa-

mente ilustrados, facilitando assim a sua leitura e assimilação. No primeiro dos Livros, dedicado aos *Materiais Inanimados*, apresenta, de um modo sistematizado, os 160 *Materiais* que o Homem usa no seu dia-a-dia em tudo o que o rodeia e sobre e mesmo dentro do seu próprio corpo. Dá assim ao seu semelhante a possibilidade de conhecer, minimamente, o Mundo que o rodeia e de que faz parte integrante.

No Segundo Livro descreve a Vida do Ser Humano, desde a sua concepção no ventre materno, até à morte, dividindo-a em quatro estações, tal como o ano: Primavera, Verão, Outono e Inverno. Procura com ele, aproveitando a sua visão da Vida, ser útil ao seu semelhante, levando-o a reflectir e, porque não, a aproveitar no seu próprio interesse e dos seus Familiares e Amigos, muitas das numerosas e variadas experiências de Vida da Autora. Porquê desperdiçar tantos conhecimentos tão longa e arduamente adquiridos?

Acredite o Leitor ou não, estes dois Legados da Autora são da maior importância, quer para os Avós, Pais, Filhos e mesmo Netos, que constituem as actuais gerações de Portugueses. Podem consubstanciar um raro, excelente e útil presente para as Famílias no Natal que se aproxima. Para mais informações contactar a Autora, através do seu e-mail ([elisabete.de.almeida@gmail.com](mailto:elisabete.de.almeida@gmail.com)) ou dos telefones: 964235079, 217144942 ou ainda 263275225.

## NOTÍCIAS BREVES

01.

## JANTARES MENSAIS

Inaugurámos em colectivo, o nóvel Restaurante "*Coimbra Taberna*" (Calçada de S. Francisco, 6, em Lisboa), um acolhedor espaço gastronómico que os jovens associados Nuno Cadete e Jorge Fernandes criaram para servir, essencialmente, pratos regionais de Coimbra e oferecer nos jantares de 6as feiras e sábados uma Serenata de Coimbra.

Aí 65 convivas celebraram também a data de constituição da nossa Associação (1992) e desejaram de viva voz aos empresários o maior êxito na sua empreitada.



## 02.

### FOLIA DO CARNAVAL

Desta vez acolheu-nos o *Altis Grand Hotel*, num ambiente diferente, mas de igual modo satisfatório, e um menu que agradou aos 66 foliões, animados até final pelo grupo *Clube Vintage*. A habitual "cena" do bolo de aniversário fingido repetiu-se com o gáudio de sempre.



Os aniversariantes



O Grupo "Serenata ao Luar"

## 03.

### FADO DE COIMBRA NOS JERÓNIMOS

Os *Serviços Educativos do Mosteiro dos Jerónimos* não dispensam a presença do fado e canção de Coimbra nas sessões culturais que promove às 11h00 de domingo. No dia 7 de Junho, foi nosso emissário o grupo "*Serenata ao Luar*", actuando com o encantamento da maestria e juventude que o caracteriza.

## 04.

### FESTA DOS SANTOS POPULARES

Mais uma vez realizou-se na Quinta da "Valenciana" em Fernão Ferro. Por volta das 11h30 começaram a chegar os 50 participantes e ao meio-dia em ponto saímos de Lisboa, a caminho da margem Sul. Dia bonito e ensolarado a convidar a um passeio fora de portas.

A nossa Presidente da Direcção não estava presente e coube-me fazer as "honras da casa".

Mas correu tudo muito bem: o almoço foi muito bem servido, com o habitual caldo verde, as sardinhas (já bem gordinhas) e as febras. Seguiu-se a actuação do nosso Coral Ad-Hoc (muito aplaudido) e o concurso das quadras populares, que tiveram como vencedores: Zilda Laranjeira (1º lugar), João Laranjeira (2º lugar) e Maria Alice Gouveia (3º lugar).

A Valenciana disponibilizou um músico, que animou toda a gente com a sua actuação, mas que teve o senão de tocar demasiado alto, de tal modo que era necessário gritar para



O Júri e os laureados";

ouvirmos a pessoa que estava ao nosso lado na mesa. Isto vai sendo habitual, pois para a adrenalina subir o método mais simples é pôr música no máximo, apesar dos repetidos pedidos que fizemos para se baixar o volume da mesma.

Seguiu-se um lanche também muito bem servido e, finalmente, foi cortado o bolo habitual, com os parabéns aos Sócios aniversariantes. Até para o ano!...

...e as "*Quadras dos Santos Populares*" premiadas com os 1º, 2º e 3º lugares foram estas:

São Pedro e S.to António  
Puseram-se a pensar  
Que só em coligação  
Ambos poderão ganhar.

*Flor (Zilda Laranjeiro)*

São Pedro e São Paulo  
Perguntaram a São João,  
Para esta bagunça acabar,  
Santo António é solução?

*JEASL (Laranjeiro)*

O António tem poleiro  
O Pedro um cadeirão  
Todos querem mais dinheiro  
Quem se "lixá" é a nação.

*Mariposa (M.ª Alice Gouveia)*

## 05.

## COLABORAÇÃO E CONVÍVIO COM OUTRAS ENTIDADES

- ◆ **A Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra** sedeada em Coimbra em boa hora "reincidiu" comemorar o *XLVI Dia do Antigo Estudante de Coimbra* na famosa Casa do Pinhal do Colega Polybio Serra e Silva, onde, após os tradicionais missa, cumprimentos ao Magnífico Reitor e fotografia da praxe, nos regalámos com um delicioso almoço e assistimos à entrega de Prémios à Excelência e à actuação do grupo de fados "*Raízes de Coimbra*".
- ◆ **O Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra** solicitou a nossa presença em diversos actos solenes de doutoramento e imposição de insígnias e de doutoramento *honoris causa*.
- ◆ Fomos convidados a assistir à Tomada de Posse dos novos órgãos sociais da **Associação Académica de Coimbra**, em 22 de Janeiro.
- ◆ Participámos na apresentação da obra "*Da Ibéria*" da autoria de **Carlos Carranca**, no dia 15 de Janeiro, no *Centro de Estudos da Lusofonia Agostinho da Silva*, com intervenções de Carlos Poiares (Vice-Reitor), António de Almeida Santos, Eugénio Lisboa, José Encarnação, Carlos Avilez e João Bigotte Chorão.
- ◆ Felicitámos **Margarida Ruas** pelo lançamento do seu livro "*Constrói a tua Felicidade – da Depressão ao Bem-Estar*", apresentado pelo Professor Silvestre Fonseca.
- ◆ **As Edições Piaget** convidaram-nos para a sessão de lançamento do livro "*A Sábia Ignorância*", da autoria de A. Oliveira Cruz, na Sociedade Histórica da Independência de Portugal.
- ◆ O nosso **Colega da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra no Porto** António Moniz promoveu, na Casa de Lafões, em Lisboa, a apresentação do seu livro "*Revisitação*", com a presença e aplauso da Direcção e Sócios da nossa Associação.
- ◆ Na **Igreja de São Roque** assistimos à audição do *Coral Stella Vitae*, dirigido por Victor Roque Amaro, e do *Choral Poliphónico de Coimbra* (fundado em 1972 e dirigido, actualmente, pelo maestro Paulo Moniz).
- ◆ Também apreciámos, no *Café 100 Artes*, a **Exposição de Pintura** da autoria de António Sobral, nosso colaborador no âmbito das parcerias com a Universidade de Lisboa.
- ◆ Participámos no **Colóquio Internacional da Casa dos Estudantes do Império** (22 a 25 de Maio), integrado no vasto Programa de homenagem promovido pela UCCLA (*União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa*) com a nossa colaboração na sessão de inauguração em Coimbra (28 de Outubro de 2014).

## 06.

## SE NÃO SABIAS FICAS A SABER QUE...

Deram entrada na **Biblioteca** da nossa **Associação** neste 1º Semestre de 2015, enriquecendo o património com livros e outra documentação os Sócios e Amigos:

– Dr<sup>a</sup> Maria de Fátima Lencastre, Dr<sup>a</sup> Maria Isabel Oliveira Soares da Costa (uma colecção importante de 33 livros referentes a Grandes Biografias, Grandes Figuras do nosso tempo e a

Enciclopédia Larousse), da UCCLA (União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa) – Casa dos Estudantes do Império (conjunto de 24 livros "Colecção Autores Ultramarinos") e da Associação dos Pupilos do Exército, o seu periódico. *Perdoar-nos-ão os que, por lapso involuntário, não foram nomeados.*

## 07.

## NOVOS SÓCIOS ADMITIDOS...

... no 1º Semestre de 2015 (de Janeiro a Junho) foram:  
 Dr. Arménio Marques dos Santos, Sócio nº 1324;  
 Dr.<sup>a</sup> Maria Luísa da Cunha Simões Sequeira Gonçalves, Sócio nº 1325;  
 Dr. José Monteiro Gonçalves, Sócio nº 1326;  
 Eng. José Frederico Barros Viegas, Sócio nº 1327;

Dr. Leal Ruivo dos Santos, Sócio nº 1328;  
 Dr.<sup>a</sup> Maria Matilde Sousa Franco, Sócio nº 1329 – Honorária;  
 Sr. Alberto José Nunes Pereira, Sócio nº 1330 – Honorário;  
 Dr.<sup>a</sup> Maria Conceição Meirinhos da Cruz, Sócio nº 1331;  
 Dr. José Albertino Gonçalves Melchior Gomes, Sócio nº 1332  
 Prof. Doutor Victor Manuel Matos Lobo, Sócio nº 1333.



Janeiro a Junho 2015

## FICHA TÉCNICA

### CAPA E BATINA

**DIRECTOR:** A Presidente da Direcção

**EDIÇÃO:** Associação dos Antigos Estudantes  
de Coimbra em Lisboa

Instituição de Utilidade Pública

Rua António Pereira Carrilho, 5 - 1º

1000-046 LISBOA

TEL. 21 849 41 97 FAX. 21 849 42 08

E-MAIL: [aaec@sapo.pt](mailto:aaec@sapo.pt)

INTERNET: [www.aaec-lisboa.com](http://www.aaec-lisboa.com)

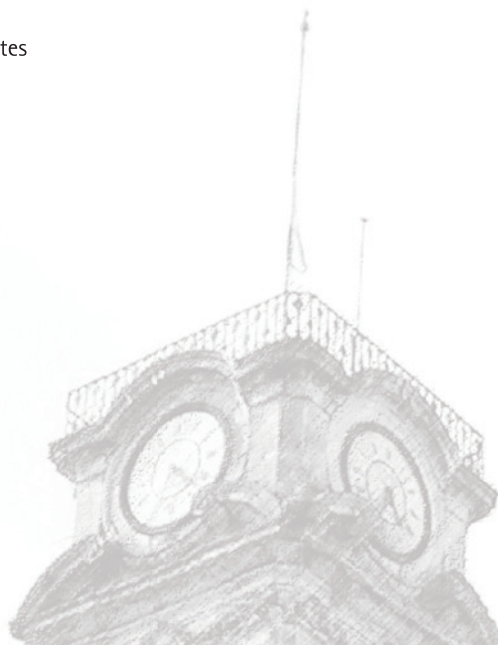
FACEBOOK: AAEC em Lisboa

**PERIODICIDADE:** Semestral

**TIRAGEM:** 1000 exemplares

**DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS**

**SÓCIOS DA ASSOCIAÇÃO**



A Toninha entre os Artistas